



## HISTORIA E AVENTURAS D'UM PORCO DA EDADE MEDIA

(Continuação)

Foi grande o trambulhão que deu o imprudente Chiqueirino: uma tal cambalhota, executada n'um Circo, á luz brilhante de centenas de bicos de gaz, alcançar-lhe-hia uma estrepitosa ovação.

O que te valeu, louco Chiqueirino, foi teres tão bons tocinhos, aliás as costellas ficar-te-hiam n'um feixe!

Mas não tens emenda, tresloucado animal!

Chiqueirino firmou-se de novo nas suas quatro patas, com a ligeireza que lhe permittiam as suas dezeseite arrobas de carne magra e gorda, e proseguiu no curso infrene da sua peregrinação.

Mas eis que de novo lhe é impedido o caminho por tres personagens de aspecto singular e sinistro, personagens com quem os individuos da especie de Chiqueirino — ó felicidade! — não têm que tratar: um tabellião de aldeia e um escrivão, acompanhado pelo seu ajudante, o qual vem já preparado de penna na mão, a terrivel penna! e o respectivo tinteiro.

Sem nenhum respeito pela importancia d'aquelles homens de justiça, que mostram uns aos outros os papeis com os sellos da lei, que devem render-lhe bem bons cobres, o nosso Chiqueirino nem pensa sequer em moderar a carreira.

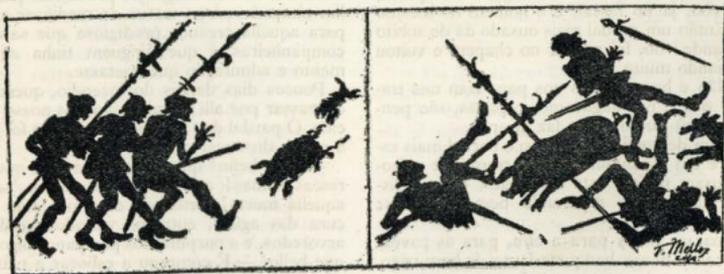
Corre direito ao respeitavel grupo, deita de pernas ao ar o escrivão e o seu ajudante, cujas moletas — porque o homem era coxo — saltam como se fossem de borracha, e afocinha as pernas do grave tabellião, que de balde procura fazer parar o louco cevado, para que lhes dê as satisfações devidas.

Chiqueirino prosegue, prosegue furioso, quando de repente se apresentam diante d'elle tres homens de guerra, armados de fletetes e alabardas! Ó céus!...

Que feliz encontro! Que dia venturoso, se conseguissem deitar a mão ao gordo fugitivo! Cresce-lhes a agua na bocca só com a lembrança do succulento tocinho, da saborosa carne, da gostosa orelheira, do bello chispe!... Os bravos gulosos escolhem já com o olhar o pedaço que mais apreciam, e saboreiam-no... em esperança.

Chiqueirino não suspeita dos perigos que corre. Entende que a sua coragem tudo pôde vencer. Não está lá como uma nem duas: despresando o belico aparato que se lhe oppõe, desdenhando a perseguição do misero rafeiro, investe com os tres homens d'armas e passa triumphante em meio das alabardas ameaçadoras!

(Continúa).



## O PARDAL E O BELLO

(Conclusão)

Passou a primavera, ia correndo o verão, fizeram-se as ceifas. Em poucos dias ergueu-se um grande fascal, e começou a debulha na eira. Que tempo, que fartura para os pardaes!

No primeiro dia tiveram grande susto, porque na eira viram, todo o santo dia! um homem muito exquisito, de braços abertos, fazendo sarilho com duas espadas. O primeiro pardal que viu o sanhudo guerreiro sentiu grande medo, fugiu logo, e foi contar o caso; e depois vieram muitos para o telhado, para os ramos das arvores, esvoaçando arripiados, piando com muita irritação.

E o tal guerreiro sempre no seu posto, e as espadas a girar, a girar.

Chegou a noite, recolheram-se os pardaes: logo de manhãinha o nosso pardal, que era muito curioso, e que em toda a noite não pregara olho com o sentido no homem da eira, veio espertar ao beiral. Lá estava o guerreiro! o pardal ficou aterrado, ainda n'aquelle dia não poderiam saquear a eira, piou logo; os outros acudiram ao signal e começaram todos a piar cheios de indignação.

— Que desafio! isto não se atura! então o trigo é só para elle? Ora que massador! que teimoso!

— Ora esperem lá! piou o pardal mais velho e espertalhão, aquillo não é um homem; parece, mas não é.

— Então que é? ora essa! então não vê que é um guerreiro aterrado, com os braços muito abertos, fazendo sarilho com as espadas?

— Qual guerreiro nem meio guerreiro! nem homem é; mechem as espadas, mas elle está imóvel; reparem bem, não se fíem na primeira vista. Vossês vão dar uns vôos pequeninos, primeiro ao chão, depois ao fascal, e nós aqui do telhado vemos se elle se meche; se desconfiarmos de perigo, piamos logo, e fujam para cá.

Os pardaes nomeados para a melindrosa commissão partiram, voaram ao chão, deram uns pulinhos a uma pedra, a outra mais alta, lá estava o guerreiro no mesmo sitio; outros pulos, outro vôo, já no fascal, e o homem no mesmo sitio. Então um pardal mais ousado dá de subito um grande vôo, foi pousar no chapéu, e voltou logo piando muito.

— Não é homem, são uns paus com uns trapos, e o que nós julgávamos espadas, são penas de peru que o vento faz girar.

— Bem desconfiava eu, piou o pardal mais esperto, é um espantalho, é uma cousa que os homens usam muito: está bem feito, está; a distancia illude, mas reparando bem conhece-se logo.

E voaram todos para a eira, para as pavêas do fascal, e houve banquete lauto de bom trigo. Pouco antes de nascer o sol ergueu-se o mo-

leiro, abriu a janella, e veio espreguiçar-se ao ar fresco da madrugada; os pardaes voaram logo para a beira do telhado, com os papinhos cheios, muito contentes.

— Sim, fia-te no espantalho!

— Bom espantalho, de longe mette medo, ao pé são trapos velhos e penas de peru.

E todas as madrugadas havia lauto banquete.

N'um domingo succedeu grande desgraça; a familia partira para a freguezia á missa, ficaram as creanças fechadas em casa como de costume; era cautella precisa por causa do açude e do pégo da ribeira. Mas todas as cautellas são poucas, e ás vezes pensa-se muito e bem em certas cousas, e esquece totalmente outra da maior consideração.

As creanças, vendo-se fechadas, trataram logo d'arranjar brincadeira para passar o tempo, e uma d'ellas abriu o armario, achou uma caixa de phosphoros. Um achado!

— Oh! vamos fazer uma fogueira?

— Vá feito!

Mólhos de carqueja, vides seccas, ramos de oliveira, tudo pozeram no lar; se os pozessem pouco a pouco, talvez não houvesse perigo; mas, louquinhas, tudo amontoaram de uma vez, e tudo ardeu levantando grande lavareda, tão forte que chegou ao madeiramento do telhado, pegando-lhe fogo. As crianças ficaram trémulas, convulsas de terror; depois, a mais velha, já tinha dez annos, tomou coragem, sentiu o instinto da vida, e com pasmosa energia conseguiu destrancar e abrir uma janella mais baixa; com esforço extraordinario no seu debil corpinho, fez descer as crianças sem se molestarem, e só depois de as ter salvado é que ella, já queimada, muito ferida, saltou tambem pela janella. O fogo em breve dominou o predio, consumindo as madeiras; abateram os telhados, as paredes ficaram derrocadas, tisanadas pelo incendio.

Foi um grande desastre, e enorme a afflicção da familia ao voltar da missa. Felizmente o moleiro tinha amigos bons e verdadeiros, que lhe acudiram na sua desgraça, prova real para avaliar amizades; logo tratou de reedificar a casa; para aquella creança prodigiosa que salvara as companheiras é que ninguem tinha agradecimento e admiração que bastasse.

Poucos dias depois do incendio, quem havia de passar por alli? o tal viajante já nosso conhecido. O pardal deu logo noticia d'elle e foi pousar a pouca distancia para o vêr e ouvir.

— Que bello! que bello! dizia elle, que pittorescas ruinas! aquelles muros negros, severos, aquella morte! formando contraste com a frescura das aguas, entre os variados verdes dos arvoredos, e a purpura dos pampanos do outono! que bello! — E começou a esboçar a paisagem.

— Ora esta! piava o pardal, então as ruinas

são bellas tambem! Não comsigo saber o que é o bello!

O viajante terminou o seu esboceto, e aproximando-se do moinho, fallou com a familia, e ouviu então o avô a contar, com os olhos rasos d'agua, de como a nêtinha, aquelle anjo, salvára as outras criancinhas; e o viajante, com grande enthusiasmo, abraçou a pequena heroína tão corajosa e dedicada, deu-lhe presentes, e exclamava: — Que bello e animoso coração! que bella criança tu és!

O pardal foi logo piar tudo aos companheiros, nenhum atinava com a significação do bello.

— Deixemo-nos de taes conversas, são coisas futeis, sem importancia; são uns patetas os homens; para nós não serve o bello; a nossa missão é encher o papinho de trigo, de bom grão, e estudar os espantalhos, as latas velhas e os gatos manhosos do moleiro.

Mais umas semanas e estava a casa reconstruida, mais alegre que d'antes; voltou a primavera e fez-se o casamento da segunda filha do moleiro.

Uma noite, como estava calor no agulheiro da azenha, veiu o pardal dormir no beiral do thalado.

Era uma noite de luar, tão claro, tão suave! uma noite de maio; e a aragem mal bulia as folhagens que pareciam de prata; no ar fluctuavam perfumes dos pinhaes, das laranjeiras floridas; ouviam-se cicios mysteriosos nos arvoredos, e o marulhar, de doce monotonia, das aguas no acude; mas sobre os brandos murmurios, na serenidade tépida da noite de luar, destacavam, em vibrações limpidas, os ternos gorgeios, os nitidos trinados do rouxinol escondido no balseiro sombrio.

— Que tal está o rouxinol! agora é que se lembra de cantar, alta noite! não me deixa dormir! pensava agastado o pardal.

Abriu-se de mansinho a janella do quarto dos noivos, e elles encostaram-se a gosar o luar, a ouvir deliciosas a elegia sonora da avesinha.

— Que belleza, que belleza de gorgeios! como aquelle cantar se liga bem com a suavidade d'uma serena noite de luar!

— Ai! pensou o pardal, agora é o cantar do rouxinol que é bello! tem razão o pardal velho, ha muito patetinha n'este mundo; e logo de manhã contou o caso; todos piaram chasqueando muito.

— O rouxinol! um passarito sem importancia alguma; muito feio, não tem geito para nada; um extravagante sem emenda; não tem horas certas; é noite alta e ainda elle está para ahi a cantar; e sempre muito escondido, não tem bico para apparecer; não são capazes de o vêr, como a pardalada, saltar em bando na seara ou na eira; um ignorante que não sabe onde está o trigo, e que se assusta com qualquer espantalho.

— Afinal de contas renuncio de todo a saber o que é o bello, concluiu o nosso pardalinho.

A ribeira seccou no verão; a espaços havia poças, pequenos pégos cercados de junças e espadanas amareladas; havia dias em que as aves voavam afflictas pela calma, de um para outro

lado, procurando agua, porque nas poças proximas do moinho estavam muitas vezes os rapazes brincando, abrindo poços e canaes na areia.

Um dia, pelo começo da tarde, á hora da grande calma, não estava ninguem na ribeira. Os pardaes vieram pousar no freixo.

— Vamos beber? vamos banhar? vamos borfirar as pennas, sacudir o pó?

— Vamos, mas espereim bem, não esteja algum dos rapazes escondido.

— Espera, lá estão; olhem alli na sombra do vallado.

— Estão a dormir a sésta.

— Isso não é certo!

— Rapazes tão quietos, piou o pardal velho; será bom desconfiar!

— Qual! com a calma deitaram-se na areia, á sombra, e adormeceram; estão tão quietinhos.

— Pois eu não vou, vão vossés se quizerem.

Voaram tres ou quatro a beber na poça; logo um ruido, muita poeirada, uma rede por cima; elles saltaram como se fossem molas, mas um não conseguiu fugir, ficou preso na rede o nosso pardalinho curioso do bello; imaginem como elle ficou, muito agachadinho, arripiado de terror.

Os rapazes sahiram logo do esconderijo, correram á rede, e trouxeram o pobre pardal, mais morto que vivo, para casa; foi uma festa! andou de mão em mão, e o gato a vêr se tinha occasião de abocar o pobre pardal, miando muito mavioso.

N'isto a menina mais velha, a tal que salvára as crianças no incendio, teve uma idéa:

— Olhem que o avósinho diz que não é bom fazer mal ás avesinhas; não gosta d'isso, tomem sentido. Vamos nós enfeitá-lo e deixá-lo voar?

Está dito!

Elle então poz-lhe uma fitinha encarnada ao pescoço, atou nas pennas da cauda umas tirinhas de papel dourado, e com a pennugem d'um pombo ainda muito novo fez um penacho que lhe pegou na cabeça com gomma arabica.

Os rapazes faziam grande festa vendo o pardal mascarado, ninguem diria que era um pardal; este tremia mas sempre com os olhos muito abertos esperando occasião favoravel para a fuga. De subito a pequena chegou á janella, e largou-o.

Que alegria! a liberdade!

O pardal voando fazia grande vista, parecia um faisão pequenino, com o seu pennacho, as tiras de papel dourado, a sua colleira encarnada; foi em fio pousar no loendro da ribeira; respirou.

— Do que eu me livre! piou elle com as suas pennas; mas como eu estou enfeitado, que elegancia, brilhantismo! será isto o bello? deve ser, é com certeza; encontrei-te afinal! Como os meus collegas vão admirar e invejar o meu pennacho, a minha fita, os meus dourados! e cheio de orgulho voou para o silvedo do quinchon, onde os pardaes estavam em grupos. Que sensação! Não o conheciam, piavam todos muito nervosos: que ave será esta? será d'arribação?

O pardal piava cheio d'altevez:

— Já me não conhecem? estão admirados da

minha pompa! grandes trabalhos me custou. Eu sou o pardal que andava procurando o bello, fiquei prisioneiro na poça da ribeira, estive nas mãos dos rapazes, vi mesmo ao pé de mim o gato do moinho.

— Ora, historia! Esse morreu.

— Não morri tal, escapei, venci, consegui achar o bello; vejam esta pompa, este brilhantismo.

Os pardaes approximaram-se então, e conheceram-no. Piaram logo mangando muito:

— Isso é tudo postiço. Não é bello, é ridiculo. Ora o vaidoso! Para que é a fita vermelha? e os papéis dourados? e esse grande pennacho? e um puchava-lhe a fita, outros arrancavam-lhe o pennacho, outros rasgavam os papéis dourados;

e tanto rasgaram e arrancaram, que o pobre pardal tudo perdeu, e fugiu espavorido, moído, depennado.

— E eu que julgava ter alcançado o bello, e só tive o ridiculo! decididamente, não nasci para saber o que é o bello; com os ornatos, o pennacho e os dourados, só alcancei o ridiculo!

Desde então o nosso pardal dedicou-se completamente a estudar os assaltos das airas, das terras semeadas de fresco, das lourejantes searas; e á critica dos espantalhos, das latas velhas, e do gato manhoso do moleiro. E raras, raras vezes, lembra-se da sua mocidade e pia — que será o bello?

GABRIEL PEREIRA.

## DIÁLOGOS INSTRUCTIVOS

### O TRIGO

(Conclusão)

— Tudo se aproveita! — exclamou o nosso Julião.

— Tudo, meu filho, tudo tem a sua utilidade. Deus Nosso Senhor, o Creador de todas as

na ignorancia, no desleixo. A necessidade obriga-o a desenvolver as suas faculdades intellectuales e a fazer uso dos seus dedos, tão bem articulados. És ainda muito creança para pode-



Olhe, papá, a nossa engommadeira está n'aquella loja.

coisas, deu-nos os elementos para vivermos felizes; mas quiz ao mesmo tempo que o homem chegasse á felicidade á custa do trabalho e da intelligencia.

— Porque é que Deus creou esses insectos tão maus que destroem o trigo?

— Se o homem não tivesse inimigos para combater, se alcançasse sem custo o que é necessario á vida, em breve espaço cahiria na preguiça,

res comprehender-me; lembra-te apenas d'estas palavras cuja verdade mais tarde reconhecerás: «A obrigação do trabalho é uma lei divina. Se o homem não precisasse de trabalhar, seria o ente mais desgraçado de toda a criação.»

— Olhe, papá, a nossa engommadeira está n'aquella loja. Ella mora alli?

— Mora, sim. Ah! tens outra applicação do trigo. A gomma faz-se geralmente da farinha

d'elle. Seria longo explicar-te como se extrahê da farinha, por meio de banhos, a parte gommosa, que se chama amido.

— Conheço muito bem os taes pós de gomma — observou rindo o Juliãozinho. — Um dia, a criada Thereza deitou uma porção d'elles n'uma tijella, e eu, julgando que era assucar, comi muito soffrego, mas não me soube nada bem.

— Já vês que não é bom ser guloso, tanto mais que pode haver muito perigo, porque ha substancias brancas muito venenosas, como o branco de chumbo, o branco de zinco, etc. Se

de passeio. Vamos para casa, que já debes estar cansado.

— Gostei tanto do passeio, que não me sinto fatigado. Vou contar à mamã tudo que fiquei sabendo.

— Então que é que vaes dizer-lhe?

— Vou dizer-lhe que o trigo cria raizes na terra e vaê crescendo até se formarem as espigas, que contem trinta a quarenta grãos; depois é esmagado nas mós do moinho, ficando reduzido a farinha, com a qual se faz o pão, e toda a qualidade de bolos e massas.



... Que lindo papel aquelles homens estão a pôr na parede

tivesses a desgraça de engulir um bocadinho d'estas materias, morrerias envenenado.

— O que vale é que são raros os venenos.

— Não é tanto assim; alguns metaes revestem-se d'uma camada de veneno, e ha uma infinidade de plantas venenosas.

— Sim?! — exclamou o pequenito, um tanto assustado. — E que se ha de fazer para evitar os venenos?

— Não comer nada ás escondidas dos paes, e nunca trazer flores na bocca, como fazem algumas creanças mal educadas.

— Então tambem ha flores com veneno?

— Ha até muitas. A pouco e pouco, durante os nossos passeios, t'as farei conhecer.

— Olhe, olhe, papá; agora é que vaê ficar bonita a loja do nosso visinho. Que lindo papel aquelles homens estão a pôr na parede.

— A massa de que elles se servem para pegar o papel, é feita de farinha, diluida em agua. É mais uma utilidade do trigo. E, por hoje, basta

A palha serve para cobrir as cabanas, para fazer esteiras e chapéus, e tambem para sustento dos animais.

Direi tambem á mamã que os meninos não devem comer nada ás escondidas dos paes, e acrescentarei:

Tudo tem a sua utilidade na terra. Deus Nosso Senhor dá ao homem os thesoiros que ella encerra, com a condição de os merecer pelo trabalho, e terminarei dizendo:

O trabalho é uma lei divina: sem elle, o homem seria o mais infeliz das creaturas.



## BERÇO E TUMULO

NO ALBUM D'UMA MENINA

Trago-te flôres no meu canto amigo  
— Pobre grinalda com prazer tecida —  
E — todo amores — deposito um beijo  
Na fronte pura em que desponta a vida.

É cedo ainda! — quando moça fôres  
E percorreres d'este livro os cantos,  
Talvez que eu durma solitario e mudo  
— Lyrio pendido a que ninguém deu prantos! —

Então, meu anjo, compassiva e meiga  
Depõe-me um goivo sobre a cruz singela,  
E n'esse ramo que o sepulchro implora  
Paga-me as rosas d'esta infancia bella!

CASIMIRO D'ÁRREU.

## JOGO DE PRENDAS

A DESPEDIDA

Temos nove meninos para o jogo. Procede-se á sorte para saber qual ha de ser o rei. A sorte designa o menino *CA*.

Este assenta-se; os outros jogadores, que d'ahi em diante compõem a côrte do rei, formam em semi-circulo na frente d'elle.

O rei faz-lhes então um pequeno discurso, em que avultam palavras da mesma terminação. Por exemplo:

— Antes de *partir* para onde tenho de *ir*, quiz *reunir* a minha côrte para me *despedir* de quem me soube *servir* sempre a *sorrir*. Não tenho thesouros de *Orphir* para *repartir* pelos que hão de *carpir* a minha ausencia; mas, calculando pelo meu *sentir*, penso que lhes será agradável uma recordação minha *possuir*... antes de *partir* para onde tenho de *ir*.

Como se vê, o discurso deve fechar com as palavras com que abriu.

Findo o discurso, o rei prosegue, dirigindo-se á primeira pessoa da direita:

— Que recordação minha desejas ter, F...?

— *Basta-me ficar na graça de V. M.*

— Quero que meus fieis servidores sejam contemplados com a concessão de varios titulos honorificos antes de minha partida.

Toma esta varinha e vae procurar o que a sorte te depara.

Pelo recinto do recreio estão espalhadas varias pedras, debaixo das quaes estão postos bilhetes que contêm a mercê que o rei faz a cada jogador, com os direitos que deve pagar quem quer possuil-a.

O alumno, com venda nos olhos, e a varinha na mão, vae bater n'uma pedra, tira a venda, levanta e lê em alta voz o bilhete, e executa o que n'elle se manda.

Entra a segunda pessoa da direita do rei a proseguir o jogo, depois a terceira, e assim successivamente até o ultimo jogador.

Terminado o jogo, chama o rei outra vez toda a sua côrte, e se despede de cada um, beliscando-lhe a palma da mão.

## OBSERVAÇÕES

Eis aqui as phrases que se costumam escrever nos bilhetes que se hão de occultar debaixo das pedras.

1.º O rei agradecerá a v. ex.<sup>a</sup> com o titulo de *duque*, se permittir que cada um dos jogadores o ponha na posição que bem lhe parecer.

2.º O rei agradecerá a v. ex.<sup>a</sup> com o titulo de *marquez*, comtanto que dê a pé coxinho o numero de voltas que cada jogador lhe indicar, pelo recinto do recreio.

3.º O rei agradecerá a v. ex.<sup>a</sup> com o titulo de *conde*, uma vez que apanhe com a bocca um lenço do chão.

4.º O rei agradecerá a v. ex.<sup>a</sup> com o titulo de *grande*, salvo se não quizer perguntar a cada um dos que jogam, para que serve a sua pessoa na sociedade.

5.º O rei agradecerá a v. ex.<sup>a</sup> com o titulo de *visconde* se trouxer durante o recreio uma *frança* de fios de linho, entrelaçados com papeis, pendente da parte posterior.

6.º O rei agradecerá a v. ex.<sup>a</sup> com o titulo de *barão* se escolher d'entre os jogadores, tres meninos, um para irmão, outro pará amigo, e outro para ir de castigo, dando as razões de tudo isto.

7.º O rei agradecerá a v. ex.<sup>a</sup> com as honras de *parente*, se fizer uma cara feia, tomando uma deformidade de cada uma das caras dos que jogam.

8.º O rei agradecerá a v. ex.<sup>a</sup> com a mercê de *moço fidalgo*, comtanto que beije tres vezes o chão.

O alumno que se recusar a praticar o que diz o bilhete, será obrigado a receber a *fuzilada*.

*CA fuzilada*. — O que deve ser fuzilado chaga-se ao pé da parede e rechaça a pella o mais longe que pôde. É do sitio em que ella caher que os vencedores o *fuzilam* uma vez cada um.

O paciente tem tres vezes para dar rechaço á pella; é do ponto mais distante que elle deve ser *fuzilado*.

Cumprê que mediem, pelo menos, dez passos entre o ponto e o que vae ser *fuzilado*.

Na classe dos meninos mais pequenos cumpre que o *fuzilado* se volte para a parede e baixe a cabeça de modo que seja impossivel alcançar-lh'a. Se ainda assim qualquer lhe acerta na cabeça esse receberá todo o resto da *fuzilada*.

Na classe dos alumnos maiores o *fuzilado* pôde voltar-se para os que o fuzilam: porque sendo *visado* de mais longe pôde esquivar-se com o corpo á pella, ou até mesmo *papal-a*. O uso então é vedar uma parte do corpo, a cabeça, as mãos, etc., e o inhabil que lhe acerta fica sujeito a soffrer o resto da *fuzilada*.

Algumas vezes cada parceiro *fuzila* tres vezes, mas é muito moroso, a não ser que haja só um para *fuzilar*.



## VERSOS AO JULIO

### NA PRAIA

Existe á borda do rio  
Um grande monte de areia,  
Onde o bravo rapazio  
A vontade se recreia.

Quando é dia de sueto,  
Alli vae pinotear  
O ranchinho irrequieto  
Das creanças do logar.

Dada a hora do costume,  
E logo que a maré baixa,  
Surgem todos em cardume  
Correndo a toque de caixa.

Então moças e rapazes  
Sobem o monte de gatas,  
Indo á frente os mais audazes  
E atraz as mais timoratas.

Ao dar-se, chegando ao tope,  
O signal de convenção,  
P'lo monte abaixo, á galope,  
Vem tudo de *escantilhão*!

E na carreira se embulham,  
Saltando quaes finos pótrons,  
Lá cahem, lá se encambulham,  
Agarrados uns aos outros!

D'outras vezes (como agora  
Representa a nossa estampa)  
Todo o grupo se accora  
Disposto ao longo da rampa.

Assim que se arranja a bicha,  
Fazendo infernal berreiro,  
Tudo forceja e capricha  
Por não largar o parceiro.

Um faz que toca sineta,  
Outro silva, dando um berro,  
Outro simula a corneta...  
Parte o caminho de ferro!...

Às vezes, entre as risotas  
Dos que mostram mais gadanha,  
Lá vem um ás cambalhotas,  
Alli cahe, além se arranha...

— É o que está succedendo  
Ao bravo e travesso Antonio,  
Um traquinas estupendo,  
Feito da pell' do demonio...

Foi o primeiro no assalto,  
Mas tanta gloria lhe azeda...  
.....  
— E sempre quem está mais alto  
Que apanha mais dura queda...

D. MARIA DO Ó.

## ALEGRIAS

— Ó animal, então trazes uma bota de poli-  
mento e outra de vitella?...

— O outro par é inteiramente igual! — res-  
pondeu o criado, muito admirado da reflexão do  
amo.

— Então o meu menino já vae á escola? E que  
faz lá?

— O que faço? espero a hora da sahida!

Um corcovado esperou á sahida do pulpito  
um pregador e disse-lhe:

— V. Rev.<sup>a</sup> acaba de dizer que Deus tudo  
faz muito bem feito; tenha a bondade de me  
examinar.

O pregador olhou para o homem e respondeu:  
— Não vejo que vos falte nada, meu amigo:  
para carcunda, estaes muito bem feito.

— Ó meu sargento, sabe dizer-me como se  
fabrica uma peça?

— Olhem que bruto! pois não sabes como se  
fabrica uma peça?...

— Se eu soubesse, não perguntava.

— Então ouve lá, meu palerma. A coisa é sim-  
ples. Pega-se n'um buraco... vae-se-lhe pondo  
bronze á roda... e a peça fica prompta.

Perguntaram a uma creança:

— De quem gostas mais, do teu gato ou da  
tua boneca?

A pequenita, depois de reflectir um instante,  
disse ao ouvido de quem lhe fez a pergunta:

— Gosto mais do gato; mas não digas nada  
á boneca!

Um larapio foi sem chapéu para a igreja, e á  
sahida deitou a mão ao melhor que encontrou.

Ao dar pela falta, o roubado gritou:

— Tiraram-me o meu chapéu!

— Pois o meu é que elles não são capazes de  
furar!

E o descarado enterrou até ás orelhas o chapéu  
roubado.

Um sугeito deitou uma carta na caixa do cor-  
reio, e ficou distraído a olhar para a abertura  
da caixa. Um garoto que passava disse-lhe com  
certa graça:

— Então que é isso? está á espera da res-  
posta?



## SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS

23, Soparoz. — 24, Silvelta. — Parsooca. — 26, Ricardo. — 27, Do-  
acha. — 28, Miseria. — 29, Cabala

## HORAS ENTRETIDAS

## 30 — ANAGRAMMA

(RETRIBUIÇÃO A CUNHA & C.<sup>a</sup>)

Ás direitas quatro patas,  
Tem o animal que vés;  
Mas se as vogaes lhe trocar,  
Caminha sem mãos nem pés.

Se as syllabas inverter,  
Instrumento vae achar;  
E mudando as cinco lettras  
Vé-o no mar a vogar.

Vizeu

O PEQUENO ANTONINHO

## 31 — LOGOGRIPO ACROSTICO POR LETTRAS

(Á INSGNE CHARADISTA HERMINIA DA CONCEIÇÃO FREDERICO)

Consenti que eu vos offeça  
Esta simples produção,  
Não posso dar-vos mais nada,  
Não está mais na minha mão.

Humilde cantora 5, 7, 3, 4.  
Esparges a luz, 5, 4, 6, 7.  
Descendes aroma 3, 2, 5, 6, 7.  
Madeira d'Ormuz, 1, 7, 5, 5, 4.  
—nvade a alma, 4, 5, 6, 4.  
Zo seio poetico 3, 2, 5, 4.  
—ndicas limite, 5, 4, 6, 4.  
—o homem phrenetico, 6, 5, 4.

Sou vosso admirador,  
E inda mais posso ser,  
Bispo e santo, com o nome  
Que eu acabo d'escrever.

Vizeu

Bêbé.

## 32 — CHARADA

Nas mãos de um semi-Jeús, eu fui terrivel — 2  
Nas mãos de certa velha, infautista sou — 2

O dono da primeira com a segunda,  
Consta que o meu todo fabricou.

Porto

Zé FERINO.

## 33 — CHARADA

Deixou renome na Syria  
Este famoso romano. } 2  
Conta mais cincoenta e um  
Romanos, se não me engano. } 1  
Depois vieram mais seis — 1  
E mais nada — e terminou — 1

Dos cincoenta e oito que eram  
Agora só um ficou;  
Mas este, mais do que os outros,  
De Roma a fama exaltou.

Porto

Zé FERINO.

## 34 — CHARADA NOVISSIMA

Alimento generoso é doce — 3 — 1

Lisboa

HERMINIA.

## 35 — CHARADA NOVISSIMA

Isolado no navio o sapateiro aproveita — 1 — 2  
Monchique

CUNHA & C.<sup>a</sup>

## 36 — TRIANGULO COM SUPPRESSÃO DE VOGAES

(AO TRIQUINAS)

B . R . T .  
. M . R .  
R . T .  
. R .  
T .

Monchique

CUNHA & C.<sup>a</sup>